

RESUMO EXPANDIDO DO PROJETO DE PESQUISA

PROJETO: A *atopia* fundamental do sujeito: sobre a relação entre identidade e pertencimento a partir de Sartre e Barbaras

FERNANDA ALT FRÓES GARCIA

Na história da filosofia, a noção de *atopia* aparece como uma “característica” atribuída a Sócrates por seus interlocutores. Se nos ativermos ao significado literal da palavra, entendemos que o termo *atopia* define negativamente algo como “sem topos”, ou “fora de topos”. Seguimos então para a definição de topos ou tópico, (*topicus* - latim e *tropikus* - grego) significando “lugar” tanto num sentido geográfico (como objeto de topografia de um terreno, por exemplo), quanto relativo a “lugar comum”. Por vezes, tópico pode ainda ser empregado como sinônimo de típico, característico¹. A *atopia* se caracteriza, portanto, em sua definição mais simples, pela ausência de topos no sentido de ausência de lugar, de território, de características típicas ou comuns. Este último sentido é o que prevalece quando se trata da *atopia* socrática, visto que ela designa sobretudo a impossibilidade de caracterizar, classificar, tipificar ou mesmo comparar Sócrates com outros indivíduos. Sócrates é *atopos* por não pertencer a qualquer espécie ou gênero comum e com isso “sugerir o singular quando o universal se retrai. [Não é] comparável, comensurável, típico; [...] é um desafio para o retratista ou para o tipologista”². Neste sentido, Sócrates aparece como o paradigma da singularidade, do não classificável, da não identidade, logo, topos é acentuado em seu sentido de típico, característico, “lugar-comum”. *Atópico*, Sócrates perturba o “lugar comum” das identidades pressupostas em uma classificação.

Minha pesquisa investiga o campo de possibilidades aberto por esta noção de *atopia*. Em primeiro lugar, se *atopos* pode ser compreendido de tal modo - como singularidade que não se deixa classificar -, isto permite colocar a questão da identidade por uma perspectiva do espaço. Tendo em vista este objetivo, a *fenomenologia do pertencimento* de Renaud Barbaras coloca algumas questões fundamentais e oferece ferramentas teóricas pertinentes para se recolocar a questão do sujeito

¹ LE PETIT ROBERT: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris: Paris : le Robert, 2014, p. 1978- 1979. « Topique » Cf. também « topo; tope » e « topographie » Id., p. 1979. Vale ressaltar que o termo *atopia* não se encontra no dicionário, seu sentido é definido apenas negativamente.

² GUÉRIN, Michel. *Nietzsche*, p. 31.

privilegiando uma perspectiva não substancialista do espaço que busca superar obstáculos que o subjetivismo ainda apresenta para as correntes fenomenológicas³. Ao colocar a questão do pertencimento dos sujeitos no mundo como questão principal, Barbaras desloca a compreensão temporal que até então se centrava numa subjetividade não identitária projetiva, ekstática, para o pertencer como *movimento*, trazendo o foco para o *solo*, o *local* e o *lugar* onde este se realiza, abrindo assim outros sentidos para estas noções. Assim, não é tanto a história dos sujeitos que dará sentido aos seus modos de ser, mas sobretudo a geografia - que inclui a história - mas espacialmente. Isto significa que a pergunta ontológica fundamental se desloca da questão *quem?* (Heidegger) para a questão *onde?* como aquela de onde emergem os sentidos dos modos de ser. Invertendo um movimento do geógrafo Augustin Berque, mas como o mesmo objetivo, nasce a possibilidade aqui de se investigar e desenvolver uma *ontologia geográfica*⁴.

Neste contexto, trago o conceito de atopia a princípio como uma contribuição particular da crítica ao sujeito identitário na perspectiva de uma fenomenologia do espaço para então ir além, em direção aos campos em que a questão da identidade vem sendo discutida, visando as consequências políticas de tais bases ontológicas. O debate em torno das questões de gênero, as perspectivas decoloniais e suas investigações sobre o racismo apontam para as questões identitárias, sua importância e suas “armadilhas”⁵. Se identidades podem ser “lugares”, podemos compreender como os sujeitos por estas transitam ou se fixam⁶, em última análise, abrimos uma investigação sobre os diferentes modos de habitar. As discussões em torno da questão do sujeito nos mais diversos campos mostraram os graves problemas ligados a ontologias substanciais e ao pensamento necessariamente dualista que daí decorre⁷. É importante se ater então tanto aos riscos de um pertencimento pela identidade substancializada - ligada a uma “natureza”, uma ontologia positivista, - quanto ao não pertencimento total, cujo paradigma é o sujeito moderno apartado do mundo, a ponto de explorá-lo como mercadoria dentro de um sistema em que não se reconhece. A relação entre esse pertencer substancial e esse não pertencer colonial e dominador nos faz recolocar a questão do pertencimento por vias atópicas, isto é, tendo em vista os modos de ser em sua singularidade, cujas identidades estão em jogo nos “espaços” de disputa e reconhecimento. Pensar esse outro pertencer é o intuito desta *filosofia do habitar*.

³ BARBARAS, R. *L'Appartenance. Vers une cosmologie phénoménologique*. Louvain : Peeters, 2019.

⁴ “Il manque à l'ontologie une géographie, et à la géographie une ontologie” BERQUE, A. *L'Écoumène*. Introduction aux études des milieux humains. Paris : Belin, 2016. p. 9.

⁵ Uma referência a Asad Haider, que inspira essa discussão. HAIDER, A. *Armadilha da identidade*. Raça e classe nos dias de hoje. São Paulo, Veneta, 2019.

⁶ O que passei a definir como “seriedade normativa”, a partir da ideia de “espírito de seriedade” em Sartre.

⁷ Problemas tratados na minha Tese de Doutorado : “A Hantologie de Sartre: sobre a espectralidade em O Ser e o Nada”.